

ufjf

II SIMPÓSIO INTERDISCIPLINAR
Linguagem e Filosofia

11, 12 e 13 de novembro de 2024



Truth and Falsehood

Alfred Stevens (1817–1875) | Wikimedia Commons

Universidade Federal de Juiz de Fora
PPG Linguística | PPG Filosofia

Grupo de Pesquisa
Crases: Linguística e Filosofia



II SIMPÓSIO INTERDISCIPLINAR

Linguagem e Filosofia

11, 12 e 13 de novembro de 2024

Universidade Federal de Juiz de Fora
PPG Linguística | PPG Filosofia

Grupo de Pesquisa
Crases: Linguística e Filosofia

II Simpósio Interdisciplinar Linguagem e Filosofia

Grupo de Pesquisa *Crases: Linguística e Filosofia* (UFJF/CNPq)

<https://www2.ufjf.br/crases/>

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitora: Prof^a. Dr^a. **Girlene Alves da Silva**

FACULDADE DE LETRAS

Diretora: Prof^a. Dr^a. **Aline Alves Fonseca**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Coordenador: Prof. Dr. **Tiago Timponi Torrent**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Coordenador: Prof. Dr. **Eduardo Gross**

COMISSÃO ORGANIZADORA

Fábio Fortes – presidente

Carol Martins da Rocha

Christiano Pereira de Almeida

Fernando Adão de Sá Freitas

Filipo Macedo Paes Linhares Martins

Gabriel Ramos Sacramento

Gabriela Toldo Cortez

Isabella Guimarães Silva

João Victor de Souza Silva

João Victor Silverio de Oliveira Moreira

Laura Prates Bellozi Monteiro

Yan Paixão Willemem Sterck

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Grillo El-Jaick

Prof. Dr. Alessandro Jocelito Beccari

Prof^a. Dr^a. Carol Martins da Rocha

Prof. Dr. Fábio Fortes

Prof^a. Dr^a. Amitza Vieira

REALIZAÇÃO

PPG Linguística | UFJF

PPG Filosofia | UFJF

Sumário

Apresentação	3
Programação Geral	5
Conferências	10
Mesas Redondas	13
Minicursos	23
Comunicações	24
(por ordem alfabética dos autores)	
Sessões de Comunicações	37
Pôsteres	41

“Há porventura, palavra da qual a natureza quis que a nossa alma tivesse uma noção mais clara, do que a sabedoria? Mas não sei como, apenas esta noção deixa, por assim dizer, o porto da nossa mente e solta as velas das palavras, logo mil cavilações a ameaçam de naufrágio”.

Agostinho de Hipona. *Contra academicos*, 1.5.15

Já os antigos observaram que as palavras representam um paradoxo para a sabedoria: elas representam incontornável expediente para quem está seriamente engajado no caminho filosófico, mas, ao mesmo tempo, é fonte de armadilhas e perigos, tendo sido, por essa razão, atentamente perscrutada por tantos quantos dela também se valeram. Por conseguinte, a tradição de estudos em torno da linguagem emerge, ao mesmo tempo, como uma crítica a essa dimensão essencialmente humana – que, permite, entre outras faculdades, a comunicação, mas também a representação e a poesia, entre miríades de funções da linguagem – e um esforço consciente, metódico, organizado, de compreendê-la e discipliná-la. Nas vias de mão



dupla que vão da Filosofia às modernas Ciências da Linguagem, o Grupo de Pesquisa *Crases: Linguística e Filosofia*, propõe, neste segundo simpósio, revisitar os marcos que definem encruzilhadas, bifurcações e impasses entre os que buscam e amam a sabedoria e aqueles que, a partir dos signos, observam a linguagem em suas interfaces com o mundo. Que perspectivas novas se podem abrir entre Linguística e Filosofia? Como linguistas e filósofos pensam os temas da representação, da diversidade, da tolerância, a partir dos olhares filosófico e linguístico? Como a interdisciplinaridade decorrente deste encontro pode arejar e estimular os campos, nem sempre aproximados, entre a Filosofia e a Linguística? Essas, entre outras, são as questões que propomos neste II Simpósio Interdisciplinar Linguagem e Filosofia, organizado pelos Programas de Pós-graduação em Linguística, na sua linha de Pesquisa “Linguagem e Humanidades”, e em Filosofia, na sua linha “Epistemologia”, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Juiz de Fora, 11 de novembro de 2024

A comissão organizadora

	SEGUNDA-FEIRA, DIA 11/11
14:00 às 16:00	<i>Minicursos</i>
19:30 às 22:00	<p>Auditório da FALE</p> <p><i>Abertura oficial do Evento</i></p> <p>Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent (Coordenador PPG Linguística)</p> <p>Prof. Dr. Fábio Fortes (pela Comissão Organizadora)</p> <p><i>Conferência de abertura:</i></p> <p><i>Há Linguística sem Filosofia?</i></p> <p>Prof^a. Dr^a. Cristina Altman (USP)</p>

	TERÇA-FEIRA, DIA 12/11
9:00 às 12:00	<p>Auditório da FALE</p> <p><i>Mesa-redonda: "Linguagem e Tolerância"</i></p> <p><i>A tolerância e a representação do outro</i></p> <p>Prof. Dr. Flávio Fontenelle Loque (UFLA)</p> <p><i>Tolerância e alteridade</i></p> <p>Prof. Dr. Eduardo Gross (UFJF)</p> <p><i>Embate entre linguagem e modo de vida em Agostinho de Hipona</i></p> <p>Dr. Fernando Adão de Sá Freitas (Pós-doc/UFJF)</p>
14:00 às 16:00	<i>Minicursos</i>
16:30 às 18:30	<i>Sessões de Comunicações</i>
18:30 às 19:30	<i>Sessão de pôsteres</i> – Hall da FALE
19:30 às 22:00	<p>Auditório da FALE</p> <p><i>Mesa-redonda: "Linguagem e Diversidade"</i></p>

*Transidentidade: um conceito para pensar
experiências no mundo antigo*

Prof^a. Dr^a. Carol Martins da Rocha (UFJF)

*Do desenvolvimento ao envolvimento: por um
movimento contracolonial nos Estudos da
Linguagem*

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Grillo El-Jaick (UFJF)

	QUARTA-FEIRA, DIA 13/11
9:00 às 12:00	<p>Auditório da FALE</p> <p><i>Mesa-redonda: “Argumentação e Verdade”</i></p> <p><i>Crença, verdade e atos céticos de fala em Sexto Empírico</i></p> <p>Prof. Dr. Rodrigo Brito (UFRRJ)</p> <p><i>Primeiros passos na teoria geral do conteúdo semântico</i></p> <p>Prof. Dr. Luciano Vicente (UFJF)</p> <p><i>Qual é o papel da argumentação na formação e na justificação de crenças?</i></p> <p>Dr. Christiano Pereira de Almeida (UFJF)</p>
14:00 às 16:00	<i>Minicursos</i>
16:30 às 18:30	<i>Sessões de Comunicações</i>
18:30 às 19:30	<i>Sessão de pôsteres – Hall da FALE</i>

<p>19:30 às 22:00</p>	<p>Auditório da FALE</p> <p>Conferência de encerramento:</p> <p><i>Pensar com a sensibilidade - o desafio de traduzir a teoria da vida de Aristóteles para o nosso idioma</i></p> <p>Prof^a. Dr^a. Maria Cecília Gomes dos Reis</p> <p>(UFABC)</p>
------------------------------	--

*Há Linguística sem Filosofia?*Prof^a. Dr^a. Cristina Altman (USP)

No seu processo de constituição de um campo autônomo de estudos, tanto do ponto de vista institucional quanto epistemológico, a Linguística manteve e mantém diálogos com outras disciplinas que repousam sobre uma influência exercida preliminarmente pelas concepções filosóficas sobre as ciências. Com efeito, de maneira geral, todo empreendimento gramatical ou linguístico se insere em uma reflexão filosófica mais ou menos recuperável conforme a época. Para um estudioso da Antiguidade clássica, ou da Idade Média, por exemplo, não há muito sentido em 'separar' uma da outra; mesmo em períodos mais recentes, como o século XIX ou XX, caracterizados pela compartimentação do conhecimento, é possível capturar uma ligação nítida entre certas tradições de pensamento filosófico dominantes e a evolução da gramática: idealismo e historicismo, evolucionismo, organicismo, positivismo, psicologia social, lógica e filosofia das ciências. Tradições do pensamento religioso

também influenciaram os processos de produção do conhecimento sobre a linguagem e as línguas, lembre-se, por exemplo, da *Propaganda Fide*, dos estudos da genealogia das línguas a partir do mito de Babel; sobre a origem da linguagem humana, ou sobre as reflexões sobre a linguagem de Santo Agostinho. Pense-se, ainda, em outras ciências – como a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Biologia – que dialogam com a Linguística em conformidade com a visão que o linguista teórico tem do objeto central da sua prática científica: ou como instrumento de comunicação e lugar de socialização; ou como capacidade mental (inata); ou como aspecto essencial da evolução do homem e da espécie humana. Difícil estabelecer fronteiras quando se trata do vasto domínio de estudos da linguagem, uma vez que, entre elas, situam-se questões, problemas, perguntas que parecem não caber nos limites de uma única disciplina. A presente fala, a partir de exemplos da historiografia linguística, procura discutir as relações entre a filosofia e a linguística, e, em um nível metadisciplinar, as relações entre a filosofia da linguística e a história da linguística.

Pensar com a sensibilidade - o desafio de traduzir a teoria da vida de Aristóteles para o nosso idioma

Prof^a. Dr^a. Maria Cecília Gomes dos Reis (UFABC)

Breve relato da relevância de esquemas cromáticos na análise e síntese do aparato conceitual empregado na tradução do tratado *De Anima*.

*Mesa-redonda: "Linguagem e Tolerância"**A tolerância e a representação do outro*

Prof. Dr. Flávio Fontenelle Loque (UFLA)

A comunicação pretende apresentar um quadro histórico dos fundamentos teóricos da intolerância (o legado agostiniano-tomista) e de sua recepção no início da Modernidade. Em termos mais precisos, o objetivo é (i) compreender a maneira como, na cosmovisão intolerante, se dá a representação do outro, (ii) expor um dos principais argumentos tolerantistas contra essa representação e, por fim, (iii) explicitar os elementos constitutivos do conceito de tolerância.

A carta acerca da tolerância, de John Locke, pode ser considerada um escrito clássico sobre o tema. Ele pertence ao parâmetro daquilo a partir do que uma comunidade civilizada não pode voltar atrás. Ainda que tematize principalmente a questão religiosa, seu sentido tem possibilidade de extrapolação para a valorização da liberdade pessoal na cultura em geral. Em sua época um manifesto poderoso, ainda continua fazendo sentido. Entretanto, tolerância também é um tema em que a dimensão negativa em relação à alteridade continua presente. Os desafios da atualidade exigem uma postura de afirmação do valor daquilo que é alheio, estranho e insólito. Essa dimensão será apresentada em contraponto a Locke seguindo a proposta de "Anateísmo", do filósofo irlandês Richard Kearney, que bebe das fontes de Levinas, Ricoeur e Derrida para evocar a necessidade de apreciação do que desestabiliza as pessoas em

suas comodidades e em suas ortodoxias, em busca de um acolhimento justamente do que perturba a sua auto-suficiência.

Embate entre linguagem e modo de vida em Agostinho de Hipona

Dr. Fernando Adão de Sá Freitas (Pós-doc/UFJF)

Agostinho de Hipona possui uma trajetória de vida e intelectual marcada por transformações. A saída da cátedra de retórica para o retiro filosófico em Cassiciaco certamente é uma das transformações mais emblemáticas do seu modo de vida, e também na sua forma de expressão literária e filosófica. A escrita de tratados cede lugar para a compilação de um conjunto de diálogos filosóficos. Assim, linguagem e modo de vida estão intimamente conectados em Agostinho. Nas *Confissões*, encontra-se passagens em que Agostinho ressignifica o aprendizado acerca dos saberes das letras e da poesia grega e latina, apontando, em certo sentido, um embate entre a tradição poética, que marcou sua infância na escola dos gramáticos, e a tradição filosófica. Nesta comunicação, buscamos explorar a



relação tensiva entre a tradição poética, retórica e filosófica em algumas obras agostinianas.

Mesa-redonda: "Linguagem e Diversidade"

Transidentidade: um conceito para pensar experiências no mundo antigo

Prof^a. Dr^a. Carol Martins da Rocha (UFJF)

Esta comunicação tem como objetivo geral fomentar a discussão sobre o papel do pensamento greco-latino nas discussões relacionadas à identidade de gênero e sexualidade, seja no contexto acadêmico, seja fora dele. Para isso, mais especificamente, buscamos avaliar a bibliografia secundária a respeito do tema e, neste momento, apresentar algumas considerações a respeito de uma passagem das *Metamorfoses* de Ovídio, a saber, o episódio da metamorfose de Cênis, filha de Élato, em Ceneu (livro XII, 168-209).

*Do desenvolvimento ao envolvimento: por um movimento
contracolonial nos Estudos da Linguagem*

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Grillo El-Jaick (UFJF)

Os Estudos da Linguagem, assim como outras ciências humanas, constituíram-se por teorias e metodologias do norte global, com o conseqüente apagamento e silenciamento de outras epistememes, outras formas de produzir saberes sobre a linguagem. Este estudo busca um movimento contracolonial, conforme Nêgo Bispo (2023), não para substituir ou descartar perspectivas linguísticas eurocentradas – que, afinal, também nos constituem –, mas para fazer confluir essas epistemologias com outros pontos de vista, que olham a partir do sul. Busco pensar um saber linguístico contracolonial como envolvimento (Bispo dos Santos, 2023) – diferente da ideia de desenvolvimento que nos foi inculcada pela tradição ocidental. Nossa epistemologia linguística contracolonial, ao mobilizar saberes indígenas e quilombolas, concebe a língua(gem) para além das dicotomias insustentáveis

ufjf

natureza/cultura, sujeito/objeto, competência/performance, e, então, a (in)define na exatidão de um pensamento selvagem. Se o discurso ainda parece uma categoria de análise precisa, sobretudo por conceber a língua em sua descontinuidade histórica, conceitos como posição-sujeito devem ser problematizados ao serem incorporados por cicatrizes da escravidão, da subjugação, da subalternidade. Se o dispositivo teórico-analítico de posição-sujeito em seu berço europeu se absteve do empirismo da pele, em uma perspectiva contracolonial ele se faz carne negra.

Mesa-redonda: "Argumentação e Verdade"

Crença, verdade e atos céticos de fala em Sexto Empírico

Prof. Dr. Rodrigo Brito (UFRRJ)

O ponto de partida da presente apresentação é o passo 14 do livro I dos *Esboços Pirrônicos*, de Sexto Empírico (P.H. I, 14). Proporemos então uma divergência tradutória grave no que diz

respeito ao modo como se interpreta o par ὑπάρχων e ὑπαρχούσας que lá ocorrem e que traduzimos por “subsistente(s)/subjacente(s)”. No entanto, usualmente, o par é traduzido como “existent” nas versões mais consultadas da obra sextiana, as inglesas de ANNAS & BARNES (2000) e de BURY (2006), implicando em um desenho do ceticismo pirrônico sextiano como uma espécie de filosofia que possui valor negativo no que diz respeito a proposições de existência. Cremos que este desenho é equivocado e que o equívoco é resultado de uma má tradução do par conceitual supramencionado, fazendo Sexto Empírico parecer um cartesiano *avant la lettre*. Assim, reinterpretar o ceticismo contra ANNAS & BARNES (2000) e BURY (2006) nos permite averiguá-lo sem anacronismos e introduzir o tema dos atos céticos de fala.

A proposta da comunicação é uma distinção radical entre aspectos *meta-semânticos* e *intra-semânticos* do conceito de verdade da perspectiva de uma teoria geral do conteúdo semântico. A motivação inicial e, relativamente, implícita na versão final da apresentação é o esclarecimento de certos enunciados típicos da discussão filosófica contemporânea sobre *teorias da verdade*, por exemplo, Horsten: "*The province of the investigation of the concept of truth lies on the crossroads between logic and linguistics.*" [*The Tarskian Turn*, p. 17]; qual seria, então, a província da lógica? e da linguística? De fato, nem uma *distinção radical*, nem uma possível delimitação entre tais *províncias* são, em termos absolutos, muito promissores. A estratégia é, portanto, estipular um ponto de partida (um jogo de linguagem?), parcial e específico (embora, relativamente, abstrato) no qual a investigação é desenvolvida. Os rudimentos

ufjf

de algo que poderíamos batizar "*teoria do conteúdo semântico*" é o ponto de partida específico da discussão. Segue-se, portanto, que questões metafísicas mais gerais sobre a *natureza* da verdade (ou da lógica ou da linguística) são, estrategicamente, deixadas de lado; por exemplo, que sentenças são portadores de verdade é simplesmente um dos pressupostos da discussão.

Qual é o papel da argumentação na formação e na justificação de crenças?

Dr. Christiano Pereira de Almeida (UFJF)

A apresentação parte do questionamento a respeito do papel exercido pela argumentação no modo como as crenças são formadas ou justificadas, tendo em vista que, como hipótese inicial de trabalho, o ato de oferecer razões para justificar aquilo em que se acredita não parece ser um requisito indispensável

ufjf

para a assimilação de uma crença. Desse modo, inicialmente será feita uma breve discussão sobre alguns aspectos gerais a respeito da argumentação e dos recursos empregados na análise dessa prática, partindo da perspectiva oferecida pela Lógica Informal, que explora a análise de argumentos elaborados em linguagem natural, a fim de abordar não somente os seus aspectos estruturais, mas também fenômenos como a função e o estatuto de argumentos de autoridade e a influência exercida pelos vieses cognitivos na formação de crenças.

- **Minicurso 1:** *O debate sobre a (in)tolerância no início da Modernidade* - Auditório

Prof. Dr. Flávio Fontenelle Loque
(Filosofia – UFLA)

- **Minicurso 2:** *Três gramáticos especulativos: Boécio da Dácia (fl. c. 1270-1275), Tomás de Erfurt (fl. c. 1300) e Radolfo Brito (m. 1320/21)* – Sala 2032 (Lili)

Prof. Dr. Alessandro Beccari
(Letras Clássicas – UNESP-Assis)

Sessões de comunicações

(por ordem alfabética dos autores)

O discurso foucaultiano sobre sexualidade e Antiguidade: uma análise dos seus efeitos

Ângelo Silva Júnior (UFJF)

Os estudos de Michel Foucault contribuíram para criar e alargar conceitos de grande importância para o pensamento contemporâneo e ainda para a discussão de saberes sobre a Antiguidade Clássica. Em seu ambicioso projeto *História da Sexualidade*, publicado inicialmente em três volumes (com um em quarto póstumo), o filósofo francês abordou temas como poder, discurso e sexualidade. Suas reflexões nesse sentido são um exemplo de como suas análises impactaram a forma como entendemos tais conceitos, ao pensarmos seja o contemporâneo, seja a Antiguidade. Contudo, os efeitos dos estudos foucaultianos relacionados à sexualidade são, muitas vezes, alvo de críticas dos estudos feministas e queers, até mesmo, dos Estudos Clássicos. Uma questão central nesse sentido diz respeito à concepção do filósofo das relações, em especial a homoerótica, na Antiguidade (Richlin, 1992; Larmour, Miller, Platter, 1998). Nessa apresentação, investiga-se a recepção dos estudos foucaultianos no âmbito da sexualidade e seus possíveis efeitos sobre os Estudos Clássicos.

Wittgenstein: ideologia e algoritmos na superprodução de verdades

Antonio Herci Ferreira Júnior (USP)

No *Tractatus*, Wittgenstein afirma que o sentido de uma proposição é garantido pela correspondência isomórfica entre nomes e objetos, onde a verdade é uma função das condições lógicas de combinação entre os elementos linguísticos e realidade. Já nas *Investigações Filosóficas*, ele redefine a análise do sentido como sendo um esclarecimento gramatical em uma dada linguagem, com a verdade sendo uma função do método de verificação escolhido. Considerando essa possível ruptura entre as afirmações verdadeiras e a realidade, o que distingue, hoje, o estatuto das verdades científicas, pseudocientíficas ou falsificações? Quais as consequências ontológicas da crença na inevitabilidade da superprodução de verdades justificadas e implementadas por algoritmos na vida cotidiana? Aponta-se, assim, o caráter ideológico do processo de superprodução de verdades desumanizadas, como solo fértil para o individualismo, a perversão e a violência. Talvez a humanidade e a verdade possam se reencontrar na relação entre Linguagem e Filosofia.

Acerca dos nomes em Francisco Sanches

Asriel do Nascimento (UFRRJ)

Em 1581, o filósofo e médico português Francisco Sanches publicou sua obra *Quod Nihil Scitur* como crítica ao fundacionalismo neo-aristotélico jesuíta de Coimbra e trouxe problemas da medicina para a discussão do método acerca dos critérios de verdade. Através de uma desconfiança ao sistema escolástico, Sanches desenvolve um método antissistemático

destrutivo em que a linguagem e a lógica aristotélica são combatidas, fazendo com que a ontologia não tenha onde se sustentar. No decorrer da obra, Sanches apresenta problemas relacionados ao nominalismo e referencialismo, desenvolvendo a teoria de que boa parte das investigações filosóficas de todos os âmbitos nada mais são do que investigações causadas por problemas na linguagem, sendo tudo questão de como os nomes nos são apresentados.

A filosofia positivista de Auguste Comte: conceito de transcendência e o projeto de sociedade

Carlos Luiz de Sousa Oliveira (UFJF)

O objetivo é analisar as concepções da filosofia positivista de Auguste Comte (1798–1857) no que se refere às raízes histórico-filosóficas de suas concepções/propostas últimas (escatológicas) para a sociedade. Em nossa apresentação, exploraremos a conceituação de transcendência e suas relações com o projeto de sociedade positivista à luz dos conceitos de escatologia e imanentização da escatologia, de Eric Voegelin (1901–1985), desenvolvido em suas obras *As religiões políticas* e *A nova ciência da política*, bem como, a afinidade eletiva, segundo a conceituação de Max Weber (1864–1920), da visão de mundo positivista com a cultura francesa do século XIX e alguns de seus possíveis impactos na contemporaneidade.

O fenômeno abissal e a eloquência como solutio nas Confissões de Agostinho

Eduardo Alvim Passarella Freire (UFJF)

As *Confissões* de Agostinho envolvem três elementos: Teologia, Filosofia e Autobiografia. Em geral, o estudo desses três elementos é feito frequentemente de maneira separada. As Letras o estudam como grande rhétor e fundador da autobiografia; enquanto os teólogos o analisam em razão do teor da Patrística desta obra; já a Filosofia realiza um recorte, trabalhando frequentemente os Livros X e XI, onde encontramos o cerne filosófico. Pretenderemos tratar desses três elementos constitutivos do pensamento agostiniano de maneira conjunta. Mobilizando dois conceitos: o fenômeno abissal e a eloquência. Almejamos a unidade da obra e evidenciamos seu teor propriamente filosófico-eloquente, através do fenômeno abissal: um fenômeno desmedido, *sine mensurae* do latim (impossibilidade de mensurar). A *solutio* que Agostinho propõe perpassa pelo Discurso Eloquente (não-apofático) como capacidade de comunicação expressiva, autêntica e vívida penetrando no âmago da condição humana e ultrapassando meras palavras ditas em suas trivialidades, enraizada da comunhão com o Divino.

Questões sobre a noção de Iconicidade Linguística

Fabício Côrtes Sernelati (UFJF)

O objetivo deste trabalho é apresentar possíveis questionamentos para uma análise conceitual – filosófica, nos termos do “segundo” Wittgenstein (1999[1953]) – da noção de iconicidade linguística conforme tem sido trabalhada atualmente pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Essa linha de estudos tem assumido uma correlação natural e motivada entre forma e função da linguagem, relação caracterizada como icônica. Dado que essa vertente

funcionalista reconhece como relevantes os níveis de análise pragmático e discursivo, buscamos examinar, principalmente, em Rosário e Oliveira (2016) e Oliveira (2022), em que termos podemos conceber essa relação natural que caracterizaria o signo linguístico. Mais ainda, interrogamos que compreensões de pragmática e de discurso têm sido adotadas por essa vertente, cujas bases seriam construídas a partir de uma perspectiva icônica ou natural do signo, em oposição à arbitrária ou convencional – oposição esta de que tem se ocupado a reflexão filosófica sobre a linguagem desde o *Crátilo* de Platão.

Lupa Latina: aprender latim pela comunicação

Filipe Cianconi Rodrigues (UFJF)

Pesquisas como a realizada pela Associação Brasileira de Professores de Latim, em 2022, transformam em estatística algo que vemos e percebemos nas salas de aula: a forma, por vezes negativa, como os alunos e os docentes veem o ensino de latim no Brasil na atualidade – ressaltando a necessidade de atualizações e melhorias na sala de aula de latim. Diante disso, nossa tese de doutoramento tem como objetivo principal propor a criação de um material de ensino de latim, com base na abordagem comunicativa, que foca no uso da língua como meio de comunicação, tendo os demais aspectos linguísticos, como gramática e vocabulário, bem como os aspectos culturais trabalhados de forma conjunta e não isoladamente. Nosso intuito é aplicar ao latim aquilo que funciona nas demais línguas, nos auxiliando a perceber o latim como, de fato, uma língua, revalorizando seu aspecto principal de outrora: a comunicação.

Algumas considerações sobre a filosofia da música desenvolvida no De Musica de Agostinho de Hipona

Gabriel Ramos Sacramento (UFJF)

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma breve reflexão acerca de parte da filosofia da música desenvolvida por Agostinho (354- 430 a.C), com foco nos conceitos apresentados em seu diálogo sobre a música (*De musica*), em que, após defini-la como *scientia bene modulandi* [ciência do bem medir](De mus. I, II, 11), o autor produz uma minuciosa análise da teoria métrica da língua latina, aplicando, portanto, às palavras e aos versos da língua metrificada os pressupostos de sua teoria musical. Nesse sentido, propomo-nos investigar as implicações filosóficas dessa definição de música e explorar no tratado qual a concepção filosófica desenvolvida acerca dessa ciência.

Cemitério: Notas sobre a estória, o silêncio e elefantes

João Gabriel Cendretti Rodrigues (UFJF)

Importa quais estórias contam estórias, quais conceitos pensam conceitos. [...] todas estórias são grandes demais e pequenas demais. (HARAWAY, Donna. 2019. p.40.) O presente artigo busca discorrer sobre a ideia de estória presente no ensaio A teoria da bolsa da ficção de Ursula K. Le Guin e analisar sobre as relações entre cinema e colonialismo a partir do ensaio. Usando dois filmes como objeto - *Los Silencios* de Beatriz Seigner e *Cemetery* de Carlos Casas, o artigo busca analisar e relacionar as modalidades de estória trabalhada nos filmes e em seus arredores, assim como explorar o conceito de Orientalismo de

Edward Said na busca de ampliar modos contracoloniais contar estórias.

Contra Academicos: um convite à filosofia

João Victor de Souza Silva (UFJF)

O diálogo agostiniano *Contra Academicos* é comumente estudado como uma tentativa de se refutar os argumentos do ceticismo da Nova Academia. Nesse sentido, grande ênfase é dada na terceira e última parte do diálogo, onde há maior participação de Agostinho, que em um discurso contínuo se detém ao propósito de refutar as teses dos Acadêmicos (Matthews, 2005, p. 16). À vista disso, os comentadores tendem a negligenciar as outras partes do diálogo por compreenderem que não possuem tamanha relevância para a discussão, o que também significa desprezar os dois prólogos contidos nessas partes. Desse modo, nesta comunicação, pretende-se refletir sobre esses prólogos sob o prisma do gênero protréptico (Van der Meeren, 2002), evidenciando a preocupação de Agostinho em não apenas refutar os Acadêmicos, mas de também exortar seu interlocutor para uma nova vida que deve ser vivida na própria filosofia (*Acad.* II, 2, 4).

A relação do conhecimento e da felicidade em Plotino

Leonardo Fernandes dos Santos (UFJF)

A proposta desta comunicação é abordar a relação do conhecimento com a felicidade em Plotino, destacando uma passagem da *En.* VI, 9 [9], 4, 1-14. Pode-se perceber que existe um paradoxo do conhecimento em relação à felicidade. Por um lado, o conhecimento contribui para que o ser humano possa aprender sobre virtudes e purificar a alma, diante do objetivo de

ir em direção ao Uno. Por outro lado, Plotino explica que nessa passagem das Enéadas que conhecer é sofrer, já que conhecer é estar no múltiplo e distanciar do Uno. Conforme o filósofo, é preciso buscar além do conhecimento, por meio da quietude. Diante desse paradoxo do conhecimento, ademais, esta comunicação irá trazer dois conceitos de filosofia, com o apoio de Pierre Hadot, de modo a proporcionar uma reflexão se é filosófico algo que está além do conhecimento.

Sobre os relativismos e as crenças

Lucas Figueira Mesquita Ribeiro (UFJF)

A presente comunicação objetiva analisar, de forma crítica e com base nas contribuições de Duayer (2012), certos rumos relativistas recentemente tomados em Filosofia da Ciência. Argumenta-se que é por meio de uma totalidade articulada de crenças que os indivíduos atribuem sentido ao mundo, totalidade essa que é relativa, já que as crenças são sociais, históricas, culturais, etc. Entretanto, o reconhecimento desse relativismo epistemológico não implica em um relativismo ontológico, isto é, o reconhecimento da particularidade das crenças não implica que sejam todas corretas, que sejam todas representações adequadas das dinâmicas reais. Argumenta-se que o reconhecimento de que o mundo não pode ser reduzido às impressões que as pessoas dele possuem caracteriza um dos argumentos responsáveis por enfraquecer a perspectiva de que o relativismo ontológico decorre do relativismo epistemológico.

A intenção da presente comunicação é a de apresentar, como resultado dos estudos realizados no programa de pós-graduação, para obtenção do título de mestre em filosofia na Universidade Federal de Juiz de Fora, a concepção do *lógos* segundo Górgias, tendo como objeto de análise o Elogio de Helena, o Epitáfio, bem como as paráfrases do *Tratado do Não-Ser*. Ao revés do que se predomina na tradição, o esforço empreendido na pesquisa é o de ver em Górgias concepções filosóficas acerca do discurso persuasivo. Nesse sentido, a comunicação que se pretende irá destacar aspectos filosóficos nos escritos de Górgias, de modo a propor um novo paradigma ao lidar com o autor. Assim, a intenção é de sair da visão dominante, em que o Leontino é visto como mero vendedor de uma técnica persuasiva, para um pensador que se insere na tradição filosófica com suas contribuições.

Ultima uerba: uma investigação das Heroides 2 e 11 como “cartas de suicídio”

Luíza Diniz Araújo (UFJF)

Esta comunicação busca analisar o conceito de “cartas de suicídio” dentro da obra *Heroides*, conjunto de epístolas de autoria do poeta latino do período augustano, Ovídio. Para isso, investigaremos duas cartas presentes na obra: a epístola 2 (Fílis a Demofonte) e a epístola 11 (Cânace a Macareu). Apresentamos, então, uma análise das missivas que leva em consideração tanto o aspecto epistolar da obra como um todo quanto a relação entre o gênero elegíaco e o *topos* do desejo pela morte. Neste sentido, nos dispomos das palavras das

heroínas ovidianas para analisar as características destas “cartas de suicídio” e, ainda, observar a representação nuançada de temas como o suicídio e a frustração amorosa e o suicídio decorrente de pressões externas.

Evolução das Leis e a Educação Básica no século XXI – Breve recorte histórico e seus impactos no Ensino de Língua Portuguesa (LP)

Marília Dias Costa (UFJF)

Amanda Ferraz de Oliveira e Silva (UFJF)

Este trabalho reflete sobre ensinar gramática mediante novas visões de práticas pedagógicas, utilizadas tanto como “processo de aquisição do sistema alfabético e suas convenções, mas também como a introdução da criança às práticas sociais da língua escrita, ou, mais amplamente, à cultura do escrito” (Soares, 2014b). Para fundamentação teórico-metodológica utilizamos da Historiografia da Linguística (HL), a partir dos modelos propostos por Konrad Koerner (1996) e Pierre Swiggers (2019). Destaca-se que nos anos 80 “o termo letramento possuía conotação enfática e singular” (Cope e Kalantzis, 2015). A noção de gêneros como enunciados que “refletem as condições específicas de cada referido campo” (Bakhtin, 1992), chega ao foco das propostas curriculares das escolas, culminando na implementação do PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) nos anos 90. Posteriormente, as Diretrizes Curriculares Nacionais, tornam-os obrigatórios e fundamentam a Base Nacional Comum Curricular (2018), incentivando o ensino de LP com a abordagem dos multiletramentos (Dias e Miranda, 2020).

A tragédia da linguagem: o absurdo nas obras de Eugene Ionesco

Marina Siqueira da Silva (Unicamp)

Com base nas obras dramatúrgicas de Eugene Ionesco e no conceito de Teatro do Absurdo criado por Martin Esslin, este artigo explora a dramaturgia absurda, focando o diálogo e a comunicação presentes nas peças de Ionesco. Adicionalmente, oferece um relato sobre a interpretação e possíveis identificações com as obras no contexto contemporâneo.

Para além das águas, a forma do mar: a importância filosófica da formalização e artificialização das linguagens na lógica contemporânea

Rodrigo Lopes Scheffer (UFJF)

A lógica é uma disciplina possível apenas a partir da linguagem. Visando estudar as regras de inferências pelas quais podemos analisar a validade de quaisquer raciocínios, a lógica está enlaçada ao discurso argumentativo e assim muito de seus elementos são propriamente linguísticos. Contudo, o discurso muitas vezes porta ambiguidade. Diante da necessidade de avançar em precisão e clareza, a lógica a partir dos intentos fregeanos se ancorou na possibilidade de criar e lidar com linguagens menos ambíguas que as coloquiais, como são aquelas típicas da matemática, e com esse intuito foram constituídas as linguagens formais e formalizadas. Essas, embora artificiais, enquanto linguagens, jamais prescindem de elementos semânticos ou sintáticos, e cabe a lógica resolver o problema de como formalizá-los. Nesta comunicação mostramos como o avanço da lógica contemporânea no trato com a sintaxe e a semântica dessas linguagens artificiais possibilitaram o esclarecimento de noções imprescindíveis à própria filosofia.

A tripartição dos termos e a teoria da suppositio em Ockham na questão dos universais

Raphael de Oliveira Gargiulo (UFJF)

Aristóteles em *Peri Hermeneias* propõe uma tripartição dos termos (*Da interpretação*, 16 a1 – 5) qual se perpetuou e influenciou gregos e adentrou ao medievo, impactando Agostinho (*De Trinitate*, XV), Boécio (*Sobre a Interpretação*, I), da patrística à escolástica, até alcançar Ockham e sua teoria linguística, lógica e epistemológica (*Summa Logicae*, 1 11-24). Já no século XIII, através do acesso a obras aristotélicas pelos árabes, lógicos medievais fundaram uma discussão que inseria a lógica à gramática, movimento denominado *Logica Modernorum*, qual retomou um termo instituído no século VI, pelo gramático Prisciano, em sua obra *Institutiones Grammaticae*, qual seja a *Suppositio*, mas enquanto processo epistemológico e como questão gramatical-filosófica, buscando as proprietates terminorum inseridos nas orações. Ockham, em sua medida, adere à tese da *suppositio*. Nosso intento é demonstrar a tripartição dos termos como fundamental à epistemologia ockhamiana, sua lógica semântica, alicerce central de sua proposta de solução à querela universalis.

Ciência (ἐπιστήμη) no livro I da Metafísica de Aristóteles e a noção de filosofia primeira (πρώτη φιλοσοφία)

Yan Paixão Willemem Sterck (UFJF)

O livro I da *Metafísica*, especialmente os primeiros dois capítulos, contribui para construir a ciência buscada por Aristóteles. Nessa ciência das causas primeiras, inclui a divindade como uma das causas. Como nota August Mansion (2005), o filósofo de Estagira utiliza o termo filosofia primeira em seus escritos sempre para se referir a um estudo das substâncias separadas, identificadas com os deuses. Se a interpretação de Berti (2017) estiver correta, a ciência suprema é a das causas primeiras, conforme exposto do livro I da *Metafísica*, onde os deuses são apenas uma das causas do mundo. Nosso objetivo, diante disso, é analisar a construção da ciência no Livro I da *Metafísica*, comparando com as passagens sobre a filosofia primeira nas obras de Aristóteles, no intuito de compreender i) se essas posições são contraditórias; ii) se houve uma evolução do pensamento de Aristóteles; iii) se abandonou uma das noções ou sustenta ambas.

Terça-feira, dia 12/11/2024, de 16:30 às 18:30

Sessão 1 – Sala 2037

O fenômeno abissal e a eloquência como solutio nas Confissões de Agostinho

Eduardo Alvim Passarella Freire (UFJF)

Algumas considerações sobre a filosofia da música desenvolvida no De Musica de Agostinho de Hipona

Gabriel Ramos Sacramento (UFJF)

Contra Academicos: um convite à filosofia

João Victor de Souza Silva (UFJF)

Sessão 2 – Sala 2044

O discurso foucaultiano sobre sexualidade e Antiguidade: uma análise dos seus efeitos

Ângelo Silva Júnior (UFJF)

Cemitério: Notas sobre a estória, o silêncio e elefantes

João Gabriel Cendretti Rodrigues (UFJF)

Vltima uerba: uma investigação das Heroides 2 e 11 como “cartas de suicídio”

Luíza Diniz Araújo (UFJF)

A tragédia da linguagem: o absurdo nas obras de Eugene Ionesco

Marina Siqueira da Silva (Unicamp)

Acerca dos nomes em Francisco Sanches

Asriel do Nascimento (UFRRJ)

Sobre os relativismos e as crenças

Lucas Figueira Mesquita Ribeiro (UFJF)

Para além das águas, a forma do mar: a importância filosófica da formalização e artificialização das linguagens na lógica contemporânea

Rodrigo Lopes Scheffer (UFJF)

A tripartição dos termos e a teoria da suppositio em Ockham na questão dos universais

Raphael de Oliveira Gargiulo (UFJF)

Quarta-feira, dia 13/11/2024, de 16:30 às 18:30

Sessão 4 – Sala 2037
<p><i>A relação do conhecimento e da felicidade em Plotino</i> Leonardo Fernandes dos Santos (UFJF)</p> <p><i>O lógos em Górgias de Leontino</i> Luís Gustavo Caetano Caldeira (UFJF)</p> <p><i>Ciência (ἐπιστήμη) no livro I da Metafísica de Aristóteles e a noção de filosofia primeira (πρώτη φιλοσοφία)</i> Yan Paixão Willemem Sterck (UFJF)</p>
Sessão 5 – Sala 2044
<p><i>Lupa Latina: aprender latim pela comunicação</i> Filipe Cianconi Rodrigues (UFJF)</p> <p><i>Evolução das Leis e a Educação Básica no século XXI – Breve recorte histórico e seus impactos no Ensino de Língua Portuguesa (LP)</i> Marília Dias Costa (UFJF) Amanda Ferraz de Oliveira e Silva (UFJF)</p>
Sessão 6 – Sala 2032

Wittgenstein: ideologia e algoritmos na superprodução de verdades

Antonio Herci Ferreira Júnior (USP)

A filosofia positivista de Auguste Comte: conceito de transcendência e o projeto de sociedade

Carlos Luiz de Sousa Oliveira (UFJF)

Questões sobre a noção de Iconicidade Linguística

Fabício Côrtes Servalati (UFJF)

"Corpo": uma noção linguístico-filosófica

Breno Meireles Nascimento

Na terceira fase do nosso projeto de iniciação científica, buscamos investigar de que maneira as reflexões sobre "corpo" vistas no pensamento de Michel Foucault, mais precisamente em duas de suas obras – *História da sexualidade I: A vontade de saber* (1988[1976]) e *O corpo utópico; As heterotopias* (2013[1994]) –, dialogam com as teorias investigadas nas duas fases anteriores da nossa pesquisa: o conceito de "perspectivismo ameríndio", do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, e a ideia de "forma(s) de vida", do filósofo da linguagem Ludwig Wittgenstein. Esperamos que o debate aqui levantado possa contribuir para uma teoria e uma metodologia linguística que considere o corpo não apenas como condição de possibilidade de toda utopia, conforme Foucault, mas também como a necessária matéria contingente para uma imagem de língua como forma de vida.

Construções com advérbios [X MENTE]: uma proposta de rede construcional

Priscila Teixeira Matos Simonis (UFJF)

Este trabalho tem como objetivo estabelecer uma rede construcional dos advérbios terminados em –mente na língua portuguesa. Nesta pesquisa, objetivamos tratar, especificamente, dos padrões microconstrucionais que compõem o padrão mais esquemático [XMENTE]. Nossa hipótese inicial é a de que estes advérbios estariam passando por um processo de mudança que acarretaria a emergência de novos pares de forma e função na língua, a partir de situações reais

de fala. Acreditamos que isso se deve a processos cognitivos de domínio geral que promovem a instanciação dos novos usos. Sendo assim, realizamos uma análise de dados sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso – também conhecida como LFCU – e, de modo específico, da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), a qual, baseada na Gramática de Construções (Goldberg, 1995; 2006), prevê que a construção é a unidade básica da língua e que novos pares de forma e função passam a integrar a gramática e o léxico a partir do uso, formando novos padrões e novos nós que são organizados em redes construcionais de maneira hierárquica. Para alcançar nosso objetivo, utilizamos o corpus sincrônico constituído por Martins (2021), o qual reúne dados escritos coletados de dez perfis da rede social X, antigo Twitter, cujas amostras representam os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020. Nossa análise se pauta no método misto – que coaduna os métodos qualitativo e quantitativo – conforme Cunha Lacerda (2016). Em nossa análise, identificamos 9 padrões microconstrucionais, com diferentes pareamentos forma e função, dos advérbios terminados em –mente na língua portuguesa. Pelos resultados obtidos na análise, percebemos que tais padrões demonstram se distribuir em um *continuum* de intersubjetividade.